

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

VASO CAMPANIFORME "TIPO GARRAFA BOJUDA" DO MUSEU DE TORRES VEDRAS.

TRINDADE, Leonel; FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1971 | Número: 81

Como citar este documento:

TRINDADE, Leonel; FERREIRA, O. da Veiga, Vaso campaniforme "tipo garrafa bojuda" do Museu de Torres Vedras. *Revista de Guimarães*, 81 (3-4) Jul.-Dez. 1971, p. 261-264.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Vaso campaniforme “tipo garrafa bojuda” do Museu de Torres Vedras

Por LEONEL TRINDADE
e O. DA VEIGA FERREIRA

Em 1961 publicámos (1) um trabalho de conjunto sobre o material recolhido na gruta da Cova da Moura (Torres Vedras) explorada por Ricardo Belo e um de nós (L.T.).

Nesse estudo de conjunto fizemos referência à cerâmica campaniforme da gruta, em exposição no Museu de Torres Vedras, mas havia ainda imensa cerâmica em fragmentos por classificar e reconstituir. Passados estes anos foi possível a um de nós (L.T.) estudar o belo material cerâmico e, entre este, apareceu o vaso raro objecto do presente estudo.

O vaso é de grande raridade pela sua forma. Aproveitando a estadia em Portugal de Jean Guillaîne, que veio ao nosso país estudar com outro de nós (V.F.) a cerâmica cardial do Neolítico antigo (2), pedimos para nos dar a sua opinião.

Em carta recebida após a sua chegada a Carcassone, 2 de Dezembro de 1969, dá-nos Guillaîne a sua opinião do seguinte modo: «J'ai recherché la documentation en ce qui concerne le vase à décor campaniforme du Musée de Torres Vedras. Ce vase n'a guère de replique en

(1) Ricardo Belo, Leonel Trindade e O. da Veiga Ferreira, «Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras). *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XLV, Lisboa, 1961.

(2) Jean Guillaîne et Octávio da Veiga Ferreira, «Le Néolithique ancien au Portugal», *Bull. de Soc. Préh. Française*, T. 67, Paris, 1970.

France. On peut toutefois le rapprocher du vase cylindro-sphéroïdal de la grotte de Baume-Sourde, à Francillon (Drôme) (1).

Par ailleurs un fragment du dolmen de Pépieux (Aude) se rattache peut-être à cette forme» (2).

«En Catalogne, je ne vois guère d'approchant qu'un d'Arbolli» (3). «Au total cette forme est assez insolite. Elle paraît typologiquement dans la tradition des pots de la Culture des grottes mais vous savez que je ne suis pas favorable à une telle filiation en raison du gros écart chronologique qui sépare le cardial du campaniforme. J'y verrais plutôt une influence de la Culture des amphores globulaires qui est arrivée en France jusqu'au site de Hochehelder, Alsace. Mais évidemment il se pose ici un problème géographique, votre vase étant bien éloigné de la zone d'épanouissement de ce groupe centro-européen».

Eis a esclarecedora carta de Jean Guillaîne sobre este vaso muito raro e curioso da arqueologia portuguesa da Cultura do Vaso campaniforme da Bacia do Tejo.

Por nosso lado, e nunca nos afastando muito das ideias brilhantes deste jovem arqueólogo e amigo, procurámos também elementos que pudessem esclarecer a posição deste vaso insólito, como diz Guillaîne, e assim, num trabalho de Arnal-Blanc (4), encontrámos esta referência que alarga um pouco mais os dados sobre estes vasos de tipo garrafa bojuda, da época calcolítica. Dizem eles: «c'est une pièce vraiment extraordinaire (*referem-se ao vaso de la Grotte de Baume-Sourde, Francillon-Drôme*) par la beauté de son exécution et la perfection de ses

(1) A. Blanc, «La grotte de Baume-Sourde à Francillon», *Bull. de la Soc. Préhistorique Française*, T. 54, Paris, 1957 (nº 121, 3 e 122, 3).

(2) R. Riquet, J. Guillaîne et A. Coffyn, «Les campaniformes français», *Galia Préhistoire*, T. IV, Paris, 1963 (p. 101, fig. 22, 8).
J. Guillaîne, «La civilisation du vase campaniforme dans les Pyrénées Françaises», Carcassone, 1967 (p. 31-33 e pl. 36,5).

(3) S. Vilaseca, *Nuevos hallazgos prehistóricos en Arbolli*, *Ampúrias* T. III, Barcelona 1941, (p. 48, lam. IV, 1).

(4) J. Arnal et A. Blanc, «Recentes découvertes de vases campaniformes dans la vallée du Rhône», *Archivo de Prehistoria Levantina*, T. VIII, Valência, 1959 fig. 3,2).

formes. Sa couverte est d'un noir brillant, coupé par trois zones décorées et incrustées d'un blanc impeccable. Sa forme est arrondie avec petit col terminée par une lèvre équerrie et ombilic à la base».

Nous n'avons trouvé de comparaison, tout au moins, pour la partie supérieure qu'avec les vases de Numance, mais leur forme générale, leur taille et le décor inférieur ne permet pas de pousser plus loin la comparaison» (1).

Na realidade os vasos de Numância não são bojudos e de colo estreito como o de Torres Vedras, o de Arboli ou o de Baume-Sourde.

Em nosso entender o vaso de Torres Vedras vem demonstrar, justamente, influências da região mediterrânica, sobretudo da região do Aude, onde tantos testemunhos já se notam há muito, como por exemplo, nos instrumentos de cobre. É, pois, em razão deste metal que talvez este vaso tenha aparecido em Torres Vedras. A importância da descoberta deste metal no Ocidente peninsular e, em especial, pela sua abundância e qualidade, desde longas eras atraiu sempre os mareantes mediterrânicos (2). Temos de ter em conta, como diz Arnal, (3) que o Vale do Ródano foi, como via de passagem, uma das estradas comerciais para estes viajantes impenitentes da procura do metal desejado, — o cobre.

O vaso de Arboli, na Catalunha, não foge a este concenso, tanto mais que na estrada marítima para o Ocidente peninsular, através do Mediterrâneo, a Catalunha ficava no caminho (4).

Se nos debruçarmos um pouco sobre os contextos arqueológicos que acompanham os vasos de Arboli e de Baume-Sourde, vemos que não se afastam muito do da Gruta da Cova da Moura, em Torres Vedras, que acom-

(1) Alberto del Castillo Yurrita, «La cultura del vaso campaniforme, su origen y extensión en Europa», Barcelona, 1928 (Est. XXXIV).

(2) O. da Veiga Ferreira, «La metallurgie primitive au Portugal pendant l'époque chalcolitique», *La Minería hispana y ibero-americana*, vol. I, León, 1970 (p. 105).

(3) J. Arnal et A. Blanc, «Récents découvertes... op... cit...»

(4) O. da Veiga Ferreira, «La culture du vase campaniforme au Portugal», *Mem. Serv. Geol. de Portugal*, T. 12, Lisbonne, 1965.

panhava o vaso de forma bojuda, objecto agora desta nota.

Agradecemos, mais uma vez, ao amigo Prof. Jean Guillaîne a sua preciosa e desinteressada ajuda neste modesto estudo sobre o único vaso «tipo garrafa bojuda» da Cultura do Vaso campaniforme, encontrado até o presente em Portugal. Medidas do vaso de Torres Vedras: altura—25 mm; diâmetro no bojo—250 mm; diâmetro na boca—138 mm (exterior); espessura da boca—51 mm.

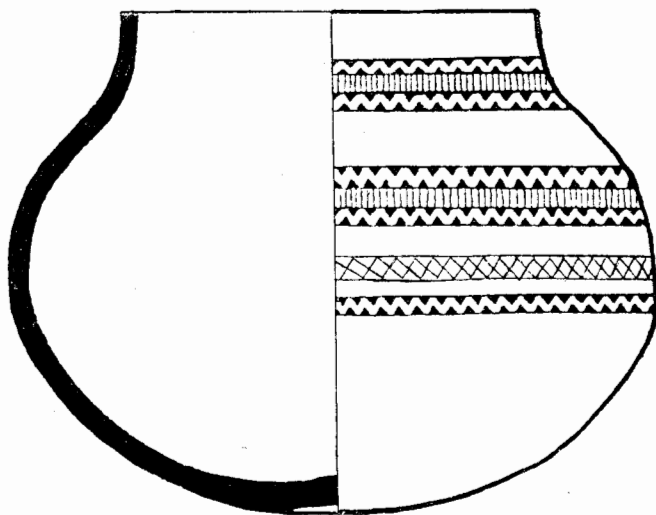


Fig. 1 — *Desenho esquemático do vaso tipo bojudo, da Gruta de Baume-Sourde, à Francillon (Drôme).*

Segundo A. Blanc e J. Arnal.
(Cerca de $\frac{1}{3}$ do tam. nat.)

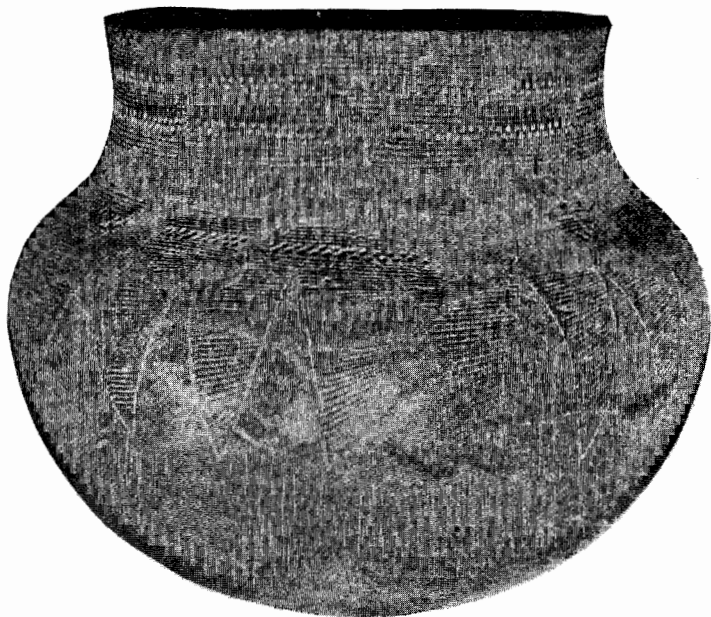


Fig. 2—*Vaso bojudo de Arboli (Catalunha),*

Segundo Vilaseca

(Cerca de 1/3 do tam. nat.)

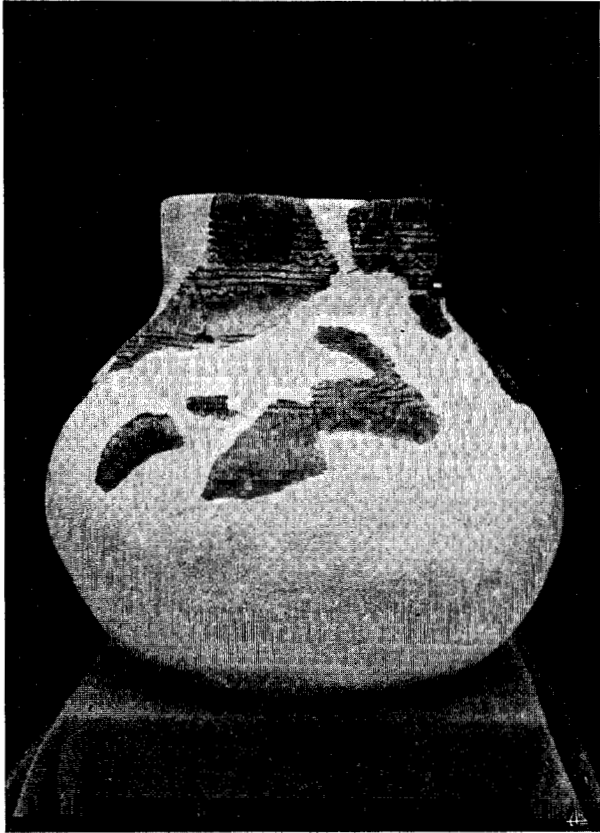


Fig. 3 — *Vaso bojudo da Gruta da Cova da Moura, Torres Vedras.*

(Cerca de 1/3 do tam. nat.)